

# Para cada obra, muitas histórias: uma obra infantil e seus entornos e contornos<sup>1</sup>

Juliana Bernardes Tozzi<sup>2</sup>

---

## Resumo

Este texto tem o objetivo de apresentar e discutir a obra literária voltada para o público infantil *Felpe Filva*, da autora Eva Furnari, publicada pela primeira vez em 2006 pela Editora Moderna. O trabalho estrutura-se em três partes principais: a primeira procura contextualizar a obra no plano de sua edição e em sua circulação; a segunda recupera algumas indicações que exemplificarão a natureza assumida em sua recepção. Por último momento, será esboçada uma conclusão inicial que acentuará a historicidade da obra, com a reflexão sobre os dispositivos literários e as convenções literárias e sociais ali inscritos. Espera-se, assim, ilustrar a compreensão da fabricação de livros para a infância no polo da mediação autoral e editorial.

## Palavras-chave

*Felpe Filva*; Eva Furnari; Editora Moderna.

## Abstract

This text aims to introduce and discuss the children's book *Felpe Filva*, written by Eva Furnari, published for the first time in 2006 through Editora Moderna. The text is divided into three main parts: the first contextualizes the work in terms of its editing and its circulation; the second indicates some information that exemplify the reaction of

people towards the book. In a last moment, the text draws an initial conclusion that emphasizes the book inside History, in accordance with literary tools (literary, social conventions) written there. It is expected to show understanding of the production of books for children in the center of copyright and publishing mediation.

## Keywords

*Felpe Filva*; Eva Furnari; Editora Moderna.

## Introdução

Este texto procura oferecer ao leitor o (re)conhecimento da obra literária de Eva Furnari, *Felpe Filva*, voltada ao leitor infantil, localizando aspectos referentes às suas edições, à sua circulação e recepção. Espero com isso possibilitar reflexões que tragam uma compreensão sobre o processo de fabricação envolvido na proposição de materiais de leitura para a infância: uma fabricação orientada pelas representações dos autores e dos editores que com esse comércio trabalham.<sup>3</sup>

Para tanto, contextualizarei a obra em um primeiro e introdutório momento, em que serão expostos aspectos sobre sua edição, autoria, circulação e correlação com o projeto editorial a que per-

- 
- 1 Este trabalho, elaborado de forma independente no fim de 2008, foi revisado para apresentar-se nesta proposta de publicação, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq-Brasil.
  - 2 Mestranda pelo Grupo de Estudos em Alfabetização, Leitura e Escrita (Alle), FE/Unicamp. E-mail: juliana.bernardes@bol.com.br
  - 3 Uso aqui o termo “fabricação”, empregado por Benjamin (1995, p. 18) para designar o arsenal de objetos criados deliberadamente para o entretenimento de certa infância que o Ocidente passa a pensar. Esta proposição é explorada por Perrotti (1990), ao analisar as expressões “cultura da infância” e “cultura para a infância”: o autor explica como a última expressão se relaciona aos processos de urbanização e redução dos espaços públicos da cidade. Outros importantes e pioneiros trabalhos dialogam com essas proposições; ver, a respeito: Ariès (2006), Arendt (2003) e Fernandes (2004).

tence. A seguir, tentarei ilustrar sua recepção pelo público a partir de alguns indicativos que selecionei; nesta tarefa, o conteúdo da obra será comentado por algumas fontes de recepção – inclusive, a minha – para ensaiarmos o diálogo entre o plano dessa recepção e os dispositivos literários, históricos, ali inscritos.<sup>4</sup> Por último, concluindo o texto, pretendo sistematizar os apontamentos trazidos sobre a obra, relacionando-os à natureza das representações culturais, sociais, literárias e educacionais de nossa época, com o propósito de rever o caráter “guiado” da produção de um sucesso editorial – que traz, na obra, marcas das representações, dos valores e das práticas de um tempo histórico, no plano pensado daquilo que *é desejável que se leia*.

A escolha da obra foi orientada por sua atualidade e por minha curiosidade diante de sua produção e de seu conteúdo e, enfim, pela avaliação da pertinência de uma elaboração sobre um título que, em minha primeira experiência de contato – como coordenadora de um colégio da rede particular de ensino –, foi-me apresentado e anunciado como um *fenômeno editorial* pelo divulgador de sua editora: *esgotado*. Tive de esperar, na época, *Felpe Filva* chegar novamente. E ele chegou. Que chegue a outros, também, um (re)conhecimento possível dessa obra.

### I – *Felpe Filva* e seu projeto editorial. O livro e os aspectos iniciais da circulação

A obra selecionada, publicada pela Editora Moderna, foi tomada para este estudo em sua quinta impressão, datada de 2007, sendo

que 2006 marca a sua primeira edição. As datas próximas e o período relativamente pequeno da circulação da obra fazem-nos, em primeiro lugar, supor que seu conteúdo não tenha sofrido alteração nas reimpressões já feitas.<sup>5</sup> E, em segundo, levam-nos a concluir sobre seu sucesso de recepção – sucesso reiterado, ainda, pelos títulos que a anunciam na segunda página de rosto: “Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil, CBL – 2007”, “Prêmio Altamente Recomendável, FNLIJ – 2007”, “Prêmio O Melhor para Crianças, *Hors Concours*, FNLIJ – 2007”.<sup>6</sup>

Sua autora é Eva Furnari (1948), italiana formada em Arquitetura e que, desde 1950, mora no Brasil. Uma rápida pesquisa informal sobre seu nome – nos meios literários/escolares de apreciação e/ou consumo literários – sugere que temos aí uma escritora reconhecida pelos trabalhos de ilustração e pelo código de *graça e fantasia* que a acompanharam desde o início da carreira. Entre os mais de cinquenta livros publicados no Brasil e em países da América Latina, figuram livros de que ela é, também, escritora.

*Felpe Filva* foi escrito e ilustrado por Furnari. Em uma entrevista cedida em 2008 ao site *Letras e leituras*, quando questionada sobre os livros prediletos de sua obra, mencionou, na conclusão de um acervo de três títulos principais, “... um livro da Editora Moderna, que eu gosto muito, o *Felpe Filva*, que é o livro de um coelho supercomplegado porque nasceu com uma orelha mais curta que a outra, ele é poeta e um coelho superdepressivo e neurótico, então eu conto as desventuras dele”.<sup>7</sup>

4 Chartier (2001) identifica dois planos que orientam a leitura do impresso e a proposição de dispositivos orientadores da leitura. Além dos de natureza tipográfica, explica a existência daqueles mecanismos inscritos no próprio texto e usados pela tecnologia da escrita do autor, que trazem os códigos literários para a “revelação” da sua mensagem e as intenções de um modo de leitura idealizada.

5 Contatei o departamento de direitos autorais da Editora Moderna, solicitando informações sobre mudanças possíveis nas reimpressões e sobre a atualização dos números (e a dimensão de seus valores) que caracterizam o consumo de *Felpe Filva*; a responsável pelo setor informou que os dados só poderiam ser divulgados mediante a autorização da autora e afirmou que encaminharia meu pedido a ela. Até a data da conclusão deste texto, não tive retorno da autora ou da editora a respeito da solicitação.

6 Esses títulos e premiações são aqui mencionados como retrato da legitimação assumida pelas obras em seus círculos literários de validação – que podem e devem, conforme entendo, merecer sempre um entendimento problematizador e histórico, não universal nos critérios que movem sua indicação e seleção. Ver, sobre isto, Abreu, 2006.

7 Disponível em: <[http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva\\_furnari](http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva_furnari)>. Acesso em: 13 nov. 2008.

Se reconhecemos a independência criativa da autora em questão – ela escreve, ilustra, propõe (e une) a organização ilustração-texto a ser assumida pela disposição do escrito – e acompanhamos a ordem do impresso de *Felpe Filva*, intuímos que a mediação editorial<sup>8</sup> parece ter-se deixado convencer e guiar pela criação da autora, no tocante à sua apresentação: ali, texto, imagem, letras, escritos e outros recursos compõem um mosaico para o sentido e para os caminhos intencionados para a narrativa.

O suporte que veicula esse projeto autoral não se caracteriza pela inovação ou pela ousadia em termos de projeto gráfico: *Felpe Filva* é modesto e talvez não o seja por acaso, em suas pretensões de público cativo: mede 17 x 24 cm, 56 páginas, papel-cuchê.

O olhar curioso da primeira folheada poderia, quem sabe – para além do nome da autora que já evoca um arsenal específico de expectativas –, ser atraído pelas ilustrações que trabalham com o sentimento de humor na fisionomia e na *performance* de seus personagens; ou, então, pelos detalhes escondidos da escrita e da ilustração que convidam à exploração; talvez, ainda, pela curiosidade sobre os diferentes materiais do escrito/da escrita que, ali colecionados e apresentados em suas estruturas específicas, rompem com o padrão formal de disposição do escrito.

Fato é que, para a editora, a motivação para *Felpe Filva* assim é representada e divulgada, prevendo um público consumidor e uma apropriação bastante específicos:

Poema, fábula, manual, carta, receita e autobiografia. Tudo isso a gente encontra em *Felpe Filva*, um divertido livro que conta a história de um famoso poeta e escritor que tem sua vida transformada depois que recebe a carta de uma fã. Eva Furnari utiliza os mais diferentes tipos de texto e

cria um contato direto do jovem leitor com as diferentes funções da escrita.<sup>9</sup>

O título pertence à Coleção Girassol que, por sua vez, compõe a categoria de maior acervo do Projeto Editorial Contigo da Editora Moderna – a categoria Contigo Criamos Leitores. Irei aqui brevemente considerar os ideários, as representações e os valores que aparecem enunciados neste universo do catálogo e que marcam a apropriação feita pelo trabalho editorial em relação à obra aqui analisada.

A Editora Moderna, em seu *Catálogo 2008 de Literatura – Ensino Fundamental I*, justifica o Projeto Contigo pelo oferecimento, às escolas, de recursos que “ajudem a melhorar a competência leitora de seus alunos” (p. 4 do catálogo), mediante: a) acervo de obras; b) planos leitores para ajudar a guiar a leitura das obras de ficção; e c) assessoria pedagógica. Suas obras, então, dividem-se em três categorias,<sup>10</sup> sendo a maior parte do catálogo ocupada pela Contigo Criamos Leitores, em que se encontra *Felpe Filva*: aqui, estarão “livros revistos e reformulados para oferecer ao professor uma proposta articulada para o trabalho com a leitura de obras de ficção” (idem), de forma prazerosa, produtiva, interessante, direcionada, integrada e ética, conforme continuam a prescrever os indicativos dos Diferenciais do Projeto Contigo.

Nosso livro aí se encontra porque parece atender e prestar-se à adequação aos critérios de seleção anunciados pelo Contigo, entre os quais, a busca de autores de renome pela “originalidade” da obra, pela “qualidade” do texto literário e pelo cenário de “premiação” que o envolve.

*Felpe Filva* está, então, classificado como obra de ficção, que compõe o Contigo Criamos Leitores, no gênero Histórias e Mais Histórias, na última categoria de leitores desse projeto – os leitores

8 Expressão encontrada na obra de Chartier (2002) para designar o trabalho de fabricação dos modos de oferecimento do texto ao público pretendido que trazem as representações (dos editores) sobre a origem, a competência leitora e as práticas de leitura desse público.

9 Semelhante conteúdo é disponibilizado na sinopse da obra, no *Catálogo 2008 de Literatura – Ensino Fundamental I* (Editora Moderna), p. 62. Disponível em: <<http://literatura.moderna.com.br/catalogo/sinopse/85-16-05182-X.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

10 São elas: Contigo Descobrimos a Arte (+ Arte), Contigo Formamos Cidadãos (+ Cidadãos) e Contigo Criamos Leitores (+ Leitores).

fluentes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I,<sup>11</sup> com nível de dificuldade 1-3, para leitores do 5º ano. Apresenta em sua temática central a “correspondência com fã e a diversidade de tipos de texto” e, como temas transversais, “a ética e a pluralidade cultural”, conforme lemos no quadro-catálogo, no catálogo da editora, p. 40. Ali é proposta, ainda, uma correlação oportuna da obra com o “Dia da Poesia” e com o “Dia dos Animais”.

A especificidade do Contigo Criamos Leitores parece residir na marca de preparação e funcionalidade da literatura, por “caminhos prazerosos”: “O Projeto Contigo Criamos Leitores quer ser um parceiro nessa tarefa de formar leitores competentes, leitores para a Vida e da Vida” (p. 32 do catálogo).<sup>12</sup>

A Coleção Girassol – de Livros a Leitores, cujo selo está em *Felpe Filva*, apresenta-se, nesse Projeto, caracterizando-se pelo acervo com “diferentes graus de autonomia do leitor”; diz, a respeito disto, que “se aprende a ler, lendo” (p. 33 do catálogo). Lendo, por exemplo, *Felpe Filva*.

### II – *Felpe Filva*: o texto entre leitores e consumidores

Esta é a história de Felpe, um coelho poeta um pouco neurótico. Um dia, ele recebeu a carta de uma fã que discordava dos seus poemas, a Charlô. Ele ficou muito indignado e isso deu início a uma troca de correspondências entre eles. O livro conta essa história de maneira divertida, usando os mais variados tipos de texto, como poema, fábula, carta, manual, receita e até autobiografia, permitindo, assim, que o leitor entre em contato com as diversas funções da escrita.<sup>13</sup>

Ler *Felpe Filva*, do meu ponto de vista, constituiu uma atividade realmente instigante e de entretenimento. A obra, embora também nos conte da experiência letrada de nosso coelho – cuja vida vai apresentando-nos as várias formas do escrito de seu entorno – tem em seu literário os ganhos de uma experiência escritora aparentemente cuidadosa em seus detalhes (de texto, de ilustração). Essa experiência vai produzindo o riso como resultado das operações cognitivas que fabrica no leitor – leitor que joga com as mensagens intencionadas por Eva Furnari, propostas mediante procedimentos convidativos à exploração dos materiais de suas páginas.

A história conduz-nos ao casamento de Felpe com Charlô, que formam um casal de coelhos *poetas*, embora diferentes em suas maneiras de o ser. Uma história que personifica tipos humanos, mas insistindo na rotina *coelha* dos protagonistas – e aqui poder-se-iam situar aspectos de seu potencial cômico.

No primeiro material escrito que sai da vida e entra para a história, somos apresentados ao funcionamento da narrativa que se inter-relaciona com os materiais escritos que interromperão seu desenvolvimento linear. É a autobiografia de Felpe esse primeiro material, no qual ele apresenta suas memórias de infância nestes termos: “Cap. I – A infância. [...] Sou um coelho solitário, não gosto de sair da toca. Quando eu era pequeno sofri muito porque tinha uma orelha mais curta que a outra...” (p. 9). O famoso poeta e escritor confirma o que a introdução do narrador atestara há pouco: “... Ele não recebia visitas, não tinha amigos, nunca queria saber de conversa com ninguém. Os vizinhos já estavam acostumados, diziam que ele vivia no mundo da lua, que era distraído e desligado, e que tudo isso se podia entender, pois ele era um poeta...” (p. 7).

Desde o início, que já chama o leitor a uma atitude companheira de Felpe, personagem sem amigos e incompreendido, até a letra da

---

11 A editora explica que temos aí o plano de *sugestão* de indicação, considerando a “leitura autônoma”; propõe que tais categorias não sejam tomadas de forma rígida (p. 33 do catálogo). Sobre a categoria “Leitores fluentes”, define-a como “fase da consolidação do domínio da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro” (Idem).

12 Sugiro uma leitura mais detalhada dos objetivos do Projeto para desdobrar suas orientações, mas, de forma geral, confirma-se aí a “companhia de planejamento para o professor”, o “programa de leitura”, a “literatura como ferramenta para aprender novos conteúdos” e “propostas lúdicas e desafiadoras para que o interesse pela leitura se desperte” (Idem).

13 Comentário na contracapa do livro, em letras de “máquina de escrever”, que evocam o instrumento de trabalho e a atividade principal do coelho escritor: escrever.

canção “Orelhas” (música de Charlô e letra de Felpo Filva, p. 36), último material escrito a aparecer na história, que simboliza a criação a dois dos personagens, Furnari envolve-nos numa modalidade de leitura que (re)aprendemos rapidamente: aquela do leitor detetive, exploratório, em busca da resposta da adivinha para dar risada. Diante do livro, parecemos rondá-lo com uma lupa, a vasculhar as pistas sobre um personagem cercado pelas funções e pelos segredos íntimos que a escrita nos lega. A autora meio que nos convence que o espaço do livro é o da diversão. E, do seu ponto de vista escritor, talvez, de fato, não haja um caráter didático potencial – ainda que se trate, para a escola, de um material convidativo para essa apropriação.

A narração tece-se, assim, conduzida por um observador externo, que faz uso de uma linguagem literária não rebuscada e permeada por um fio condutor muito direto e bem-humorado em suas construções. Palavras diferentes vêm justapostas a contextos de decifração ora mais, ora menos complexos, que orientam a apreciação de seu conteúdo – desde que se adira ao tipo de leitor pressuposto por Furnari: um leitor que domina a potencialidade criativa semântica da palavra e que poderá, então, desfrutar da descrição sobre a “orelite tremulosa” da qual sofria Felpo, em decorrência da qual ele tremia sua orelha mais curta descontroladamente, quando ficava nervoso.

É por meio desse plano narrativo que conhecemos a Felpo e a Charlô e participamos do conhecimento de um pelo outro, feito uma novela que tem final engraçado, antes que feliz. Tomamos parte na relação deles com a escrita, acompanhamos seus procedimentos, suas construções, seus recursos, suas expectativas, suas intenções e os desvios de significação que ela, escrita, os leva a percorrer.

Assim *funcionamos* com as *correspondências* trocadas pela atrevida, palpitante e desconhecida crítica (dos poemas de Felpo) Charlô ou diante das várias outras situações em que o escrito emerge: do *manual* que evoca em Felpo lembranças sobre o Sticorelia Rubite Perfection, aparelho que usava quando filhote para o problema da imperfeição de suas orelhas; das *capas* pessimistas de seus livros (*A cenoura murcha*, *A horta por trás das grades*, *De olhos vermelhos*, *Um pé de coelho azarado*, *Infeliz Páscoa*, p. 15); das *réplicas* de Charlô às construções bucólicas da poesia de Felpo; do *telegrama-convite* da coelha a seu escritor predileto; da *bula* do remédio, Destremil, que Felpo usa

para controlar a disritmia nervosa que ataca suas orelhas; da *fábula* “O coelho e a tartaruga”, evocada pelo coelho para contar de si e de sua “alma de tartaruga” a Charlô, pedindo-lhe que “não o espere chegar”; do *conto de fadas* que o escritor passa a escrever, inconscientemente inspirado pelas influências que o envolvimento com Charlô já provoca na busca divertida de “finais felizes” para suas histórias melancólicas; da *declaração* do sentimento de Charlô a Felpo: “Gosto de coelhos diferentes, acho que dão um charme interessante a um coelho... Agora, adoro não só seus poemas, mas também a sua pessoa...” (p. 27); da *receita* de bolo de chocolate da avó de Felpo que Charlô solicita dele; das *anotações* que o poeta faz para não se esquecer do “o quê escrever na próxima correspondência” a Charlô; e, enfim, do *cartão-postal* que, enviado por ela a Felpo e danificado pela chuva, assusta-o com a mensagem dúbia de perigo que acaba sugerindo sobre a condição de sua fã (já querida) de correspondência e que determina o encontro adiantado e engraçado dos personagens:

[Felpo] Chegou como um furacão, entrou sem bater, quase derrubando as portas. Estava enlameado, imundo e sem fôlego, de chinelo e bermuda velha. Atropelou uma cadeira e se estatelou esparramado aos pés dela, que estava no sofá. Lá de baixo, do chão, ele olhou para cima. “Charlô?” “Felpo?”. Ela estava com um creme verde nas axilas e nas canelas e um creme cinza nas sobrancelhas e nas orelhas. Charlô estava tingindo os pelos e fazendo depilação. Vestia uma camiseta furada, suja de tinta... “Felpo, você veio sem avisar?” “Hã... Recebi um postal seu pedindo socorro... Vim... salvá-la... Veja, está escrito aqui...”. (p. 32-33).

Ficamos, é verdade, sem saber o conteúdo do conto “Dois coelhos numa só caixa-d’água” que Felpo, depois de vários encontros, bolinhos de chocolate e poemas, oferta a Charlô que, emocionada, responde, pedindo-o em casamento.

O fim da história é concluído por um “P.S.”, um anexo, que vai da página 39 à 56 e que não rompe com a atmosfera de graça e desafio cognitivo que permeia a obra. Ali, personagens mais que secundários das cenas ou da vida pressuposta de Felpo e Charlô dialogam de forma equivocada e cotidiana, fazendo suas interferências para antecipar e apresentar uma definição proposta sobre os gêneros textuais que apareceram na obra. Essa explicação, página a página,

segue os diálogos, informando sobre sua estrutura, intencionalidade ou trazendo curiosidades.

Daí, teremos, por exemplo, na introdução desse espaço da obra, uma explicação para o próprio “P.S.” anunciado por dois coelhos comentadores que assim conversam: “A história acabou?” “Acabou. O que tem nas próximas páginas são só uns comentários.” “Fofocas sobre os personagens?” “Seria bom se fosse, mas não é. É um comentário sobre os tipos de texto da história...”. Neste momento, a explicação coloca-se na voz de um verbete de dicionário: “P.S. – P.S. vem da palavra *postscriptum*, que em latim significa *após o que foi escrito*. Então, P.S. é abreviação de uma palavra escrita que é usada para indicar algo que se escreveu depois de terminar uma carta”. E continuam: “Ah, o P.S. se escreve depois que a carta acabou?” “Parece que é.” “Mas então esse nome está errado, porque a história do livro não é uma carta...” “Isso é verdade.” “Ouvi dizer que essa parte ia chamar *Meiquinhofe*.” “*Meiquinhofe*? Parece sobrenome de personagem russo, *Ivanoviche Meiquinhofe*.” “Eu estou achando que parece mais aquele prato de comida. *Meiquinhofe* com arroz e batata frita.” (p. 39-40).

Tendo recebido o terceiro lugar na categoria “Melhor Livro Infantil 2007”, pela FNLIJ, no mesmo ano em que *Lampião e Lancelote*, da Cosac Naify, ganhou o primeiro lugar, *Felpo Filva* foi destaque no mesmo ano como o ganhador do “Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil”, pela Câmara Brasileira do Livro. Trata-se, pois, de instâncias de legitimação propositivas em relação à primazia de aspectos estéticos e literários (não didatizantes) das obras para a infância.

No mesmo período, a revista *Crescer*, da Editora Globo, cujo projeto se destina à publicação de matérias sobre desenvolvimento infantil e educação dos filhos, indicou, em sua edição nº 163, *Felpo Filva* em sua lista dos trinta melhores livros do ano, sem ordem de importância. O Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE),

por sua vez, colocou o título na lista dos recomendáveis em sua Seleção 2008 para o Ensino Fundamental.

As referências ao conteúdo da obra até aqui expostas sinalizam dois âmbitos implícitos ao plano de circulação de público de *Felpo Filva*: o escolar (e os professores e os alunos) e o não escolar (e a criança ou o leitor em geral, em sua condição de não aluno), que caracterizam uma forma de representar a obra que parece ter relação com o lugar que dela se apropria.

No primeiro plano citado, o da recepção escolar de *Felpo Filva*, temos um exemplo da forma de apropriação da obra pelos professores e pelas escolas trazido pela EMEF Nova Brasília, da Prefeitura Municipal de Brusque (Santa Catarina). O *Projeto Felpo Filva*, lá desenvolvido, é assim justificado: “É uma história muito divertida [...] explora diversos tipos de texto [...]. Assim, aproveitamos toda essa riqueza das diversas funções da escrita para estimular o gosto pela leitura [...] o hábito pela pesquisa, a criatividade, a linguagem e o raciocínio”.<sup>14</sup>

No segundo plano, o do leitor não escolar, um desvio não surpreende: o depoimento encontrado em um *blog* de domínio público testemunha o encantamento de um leitor e apreciador adulto no confronto com a textualidade de *Felpo Filva* e seus mecanismos de infiltração na cognição e na sensibilidade humanas: “Livro admirável, desses de ficarmos cheios de raiva por não termos escrito... [Senti-me] como um dos personagens homenageados pela Eva Furnari, já que a obra foi dedicada aos possuidores de orelhas diferentes... Fico sempre agradecido ao ver as coisas serem feitas de forma simples... Quando as ideias se juntam e, combinadas, conseguem formar um todo desprovido de excessos, o bom gosto e a beleza parecem ganhar força, impondo-se.”<sup>15</sup>

Em um trabalho sobre o panorama da produção no cenário brasileiro da literatura infantojuvenil, Martha (2007)<sup>16</sup> toma os ganhadores

14 Tive contato com essa experiência mediante rápida pesquisa em *site* de busca da internet (Google). Disponível em: <<http://www.semebrusque.com.br/efnb/projeto/2007/biblioteca/biblio04.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

15 Blog do “Lord Broken Pottery”, que supostamente é de Ricardo Filho. Disponível em: <<http://broken-pottery.blogspot.com/2008/10/felpo-filva.html>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

16 Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11_01.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2008.

do Prêmio FNLIJ como critério para sua análise sobre a caracterização das tendências dessa produção. Ali, a referência a *Felpe Filva* transita em terreno que reconhece e confirma o potencial de sua narrativa simples justaposta à complexidade do modo como se organiza, que traz três vozes diferentes: a do narrador (plano do narrado) e a de Charlô e de Felpe (no plano da narração e da variada tipologia textual ali disponibilizada): “esta mudança de nível estabelece um jogo de vozes que enriquece a narrativa e permite ao leitor ver os fatos sob óticas variadas”. A autora ainda pontua o trabalho “impecável das imagens, delicado, sem deixar de valorizar o bom humor dos traços [...] em sintonia com a linguagem verbal [...] compatível com o projeto gráfico do livro e com a qualidade do texto, revelando a presença da autora em todos os detalhes” (MARTHA, 2007, p. 3-4).

### III – *Felpe Filva*: uma história e a História

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão e empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura... Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita... desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja (CHARTIER, 2001, p. 96-7).

O desenvolvimento deste texto, que procurou contextualizar a obra *Felpe Filva* em um específico projeto editorial, discorrer sobre aspectos iniciais de seu conteúdo e circulação e trazer exemplos assumidos pela sua recepção, oferece indícios para a compreensão de que a fabricação de um sucesso editorial como esse traz nele o social impresso, isto é, dialoga com as convenções valorizadas pelo tempo histórico de sua época.

*Felpe Filva* é uma experiência que testemunha a convergência (feliz) de representações de muitos planos a considerar sobre o que se deva dar a ler num momento social a um determinado público, neste caso, o infantil: 1) o plano dos valores e das ideias hegemônicos de nossa sociedade sobre o que é ser um bom leitor, hoje, e que se reproduzem no modo de escrita e nas buscas e escolhas do escritor para pôr em movimento um determinado tipo de leitura; 2) o plano das instâncias literárias e suas representações sobre os critérios de qualidade que demarcam o pacto de comunicação em literatura infantil e que também se refletem no trabalho do autor, por exemplo, na escolha de suas temáticas e no modo de explorá-las;<sup>17</sup> 3) o plano das organizações escolares e seus ideários a respeito da potencialidade didática de narrativas literárias; e 4) o plano do leitor infantil e seu horizonte de expectativas socialmente constituídas que o orientam em suas buscas e escolhas do quê e de como ler.

*Felpe Filva*, longe de constituir uma obra neutralizada do fator tempo histórico, é marcado por esse em sua maquinaria textual-visual que valoriza e aposta no leitor das múltiplas relações cognitivas, icônicas e metafóricas que, articuladas, orientam a produção dos sentidos pretendidos. Maquinaria que legitima o próprio valor de seu complexo literário e que aposta na representação de uma criança leitora interativa e bem-humorada.

Eva Furnari, escritora de uma obra que lega vários títulos à infância, depõe, a respeito dos livros, que eles constituem para ela uma “mistura de coisa lógica com a arte”,<sup>18</sup> insiste, enquanto legi-

17 Conforme Oliveira (2005).

18 Essas considerações foram encontradas no site *Autógrafos, escritores e ilustradores na Rede*. Link: “Ler a entrevista”. Disponível em: <<http://caracol.imaginario.com/autografos/evafurnari/index.html>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

tima o valor do que escreve, sobre o trabalho exaustivo que instaura em cima de suas ideias. De fato, *Felpe Filva* é uma obra que permite exemplificar essas considerações sobre sua singular experiência autoral.

Mas, como vimos, do ponto de vista escolar e da edição – e mesmo do próprio escritor que escreve para o mercado de livros que presume o leitor infantil –, *Felpe Filva* convida a outras possibilidades de discussão, tanto no plano de sua elaboração e construção como no de sua recepção e apropriação. Esses planos envolvem processos, histórica e socialmente constituídos, que contam sobre as representações de uma época e as práticas de apropriação de seus grupos sociais sobre elas. Talvez seja por isso que a história do coelho-poeta-escritor cause um reconhecimento pragmático praticamente inevitável – se não anterior, concomitante ao valor literário que podemos elaborar a seu respeito: é um livro para o trabalho com diferentes tipos de textos. Um livro para o professor trabalhar o *letramento* na escola com os alunos.

É evidente, em qualquer nível do discurso de apropriação editorial da obra, essa referência-guia. O que parece um passeio divertido ou o convite a uma experiência estética descomprometida pelas funções da escrita e pelos dramas de dois (comuns) personagens mostra um conteúdo a ser tomado como guia para orientar o consumo de necessidades que falam à escola.

Seria ingênuo, por outro lado, deslocar a própria produção das ideias de Furnari do contexto que as cria, molda e regula o uso de convenções sobre o “como” e “o quê” escrever, pelos escritores que “dão a ler ideias” tão suas quanto da sociedade em que se inserem; e que, para tanto, fazem uso de determinados recursos, a partir de certas temáticas sugestivas e aclamadas, acentuando específicos valores sociais, cultivando desejáveis modalidades de leitura etc.

“Eu tenho a impressão de que é de cima, que não é a gente sozinho que cria, eu tenho a impressão que existe uma coisa maior do que a

gente, e nós somos um canal.”<sup>19</sup> Esta avaliação de Eva contrapõe-se a outras, em que pondera sobre a natureza do processo criativo:

“As pessoas acham que a gente chega lá e escreve, mas não é nada disso... A inspiração existe, mas é preciso muito trabalho em cima da idéia. Quando vai fazer um texto ou um poema, você faz, refaz, pergunta pro outro, mexe, espera, retoma no dia seguinte, pesquisa no dicionário... Tem de ter uma parcela de talento, uma parcela de vontade, a persistência pra continuar pesquisando, e uma certa sensibilidade para discernir quando está bom e quando está ruim”.<sup>20</sup>

Sobretudo a partir dessa última afirmação, podemos pensar como *Felpe Filva* atesta diretamente um trabalho criativo imerso nos debates sobre a escrita, a leitura e a funcionalidade do escrito que marcam a compreensão sobre leitura, escrita, infância e ensino de nossos dias. É uma obra que traz a relação com a escola, justaposta, por isso, à sua história de consumo e sucesso de circulação, de forma convidativa e produtiva – ainda que não se proponha, ao fazê-lo, ser didática, moralista ou fechada.

Para isso, a autora usou uma medida boa e inteligente, valendo-se da representação de leitor (escolar ou não escolar) que concebe capaz de movimentar-se por entre desafios lúdicos – seja pelas referências que tem, seja pelas referências que passa a ter em situações compartilhadas de leitura coletiva. E ler passa a ser, nessa experiência, ler para descobrir, para “sacar”, para entender primeiro, para divertir-se através de uma apropriação que reconheça os efeitos do humor.

Então, nesse momento, perguntamos: como as crianças leem *Felpe*? O que a narração lhes desperta, o que significa para elas? O que lhes agrada? E agrada? Como, efetivamente, no coletivo escolar, é acompanhada a leitura da história – lembrando que os livros da Coleção Girassol, conforme deduzimos da leitura da p. 33 do catálogo da Editora Moderna, recebem a orientação de uma leitura coletiva, partilhada e orientada pelo adulto?

19 Resposta de Eva Furnari em entrevista da autora ao *Letras & Leituras*, um programa conduzido pela jornalista Mona Dorf, no ar pela Rádio Eldorado (AM – 700 kHz São Paulo). Disponível em: <[http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva\\_furnari](http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva_furnari)>. Acessar o link: “Confira a primeira parte da entrevista”. Acesso em: 13 nov. 2008.

20 Disponível em: <[http://caracol.imaginario.com/autografos/evafurnari/entrevista\\_moderna.htm](http://caracol.imaginario.com/autografos/evafurnari/entrevista_moderna.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2008.

Todas essas questões esbarram em um plano da recepção que aqui não se explorou, mas que é fundamental para caracterizar, também, no plano do pequeno leitor, como se dá a apropriação do livro conformado a determinado público.

Como explica Goulemot, se “ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências, não é encontrar o sentido desejado pelo autor...” (GOULEMOT, 2001, p. 108), a análise do leitor e de como o “fora do texto” da sua experiência literária converge, no processo de troca que é a leitura, figura-se como pertinente ao desvendamento dos caminhos da recepção do que *Felpe Filva* dá a ler e do modo como se propõe a fazê-lo.

Resta-nos acompanhar os caminhos a serem tomados pela história de sua circulação e testemunhados pelas formas de sua recepção. Assim continuaremos aprofundando a compreensão de como o mundo da história e das práticas culturais pode revelar-se pela história de uma obra; pela forma como é proposta, lida, recebida, apropriada ou reformulada.

Seria, por fim, oportuno concluir apontando que, sem dúvidas, Eva Furnari, com o protagonismo de *Felpe*, conta-nos, também, da natureza de um discurso repleto da representação do poder da escrita e da centralidade assumida pelo sujeito que a domina, em suas várias instâncias, em nossa configuração social.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- ARENDE, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003; São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. “A mediação editorial”. In: CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.

EDITORA MODERNA. *Catálogo de Literatura 2008 – Ensino Fundamental I*. São Paulo: Moderna, 2008.

FERNANDES, Florestan. “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro”. In: \_\_\_\_\_. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FURNARI, Eva. *Felpe Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

MARTHA, Alice A. Penteadó. “Mercado editorial brasileiro e produção literária infantojuvenil contemporânea”. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais do 16º COLE*. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11_01.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2008.

OLIVEIRA, Ieda de. “Contrato de comunicação, projeto de comunicação e qualidade em literatura infantil e juvenil”. In: \_\_\_\_\_. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1980.

### Sites consultados e respectivos conteúdos

Blog do “Lord Broken Pottery” – Um depoimento de leitor adulto sobre *Felpe Filva*. Disponível em: <<http://broken-pottery.blogspot.com/2008/10/felpe-filva.html>>.

Editora Moderna – Sinopse de *Felpe Filva* na web. Disponível em: <<http://literatura.moderna.com.br/catalogo/sinopse/85-16-05182-X.pdf>>.

EMEF Nova Brasília – Projeto escolar desenvolvido a partir da obra *Felpe Filva*. Disponível em: <<http://www.semebrusque.com.br/efnb/projeto/2007/biblioteca/biblio04.htm>>.

Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE) – Indicação de *Felpe Filva* na lista 2008 dos livros recomendados. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/2008\\_ensino\\_fundamental.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/2008_ensino_fundamental.pdf)>.

Revista *Crescer*, edição 163 – Indicação de *Felpe Filva* na lista dos trinta melhores livros para crianças em 2007. Disponível em: <[http://revistacrescer.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg\\_article\\_print/1,3916,1545811-2210-1,00.html](http://revistacrescer.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1545811-2210-1,00.html)>.

Site *Autógrafos, escritores e ilustradores na Rede* – Link: “Ler a entrevista” – Reportagem que aborda representações de Eva Furnari sobre o livro, a literatura e o processo de escrever. Disponível em: <<http://caracol.imaginario.com/autografos/evafurnari/index.html>>.

Site *Letras e leituras* – Entrevista com Eva Furnari. Disponível em: <[http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva\\_furnari](http://www.letraseleituras.com.br/entrevistas/?a=eva_furnari)>.

Recebido em julho de 2009 e aceito em fevereiro de 2010.